



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

HENRY JAMES

NA GAIOLA



HENRY JAMES nasceu em Nova Iorque a 15 de abril de 1843, e foi o segundo de cinco filhos do renomado teólogo Henry James Senior e de Mary Walsh. Com a intenção de providenciar a melhor educação possível aos filhos, o casal viajava com frequência e por longas temporadas para a Europa, em particular para França, Inglaterra e Suíça. Durante a sua vida adulta, Henry James regressaria tanto a solo francês como inglês para viver e conviver com outros escritores influentes da época, como Charles Dickens e Émile Zola. Em 1862, ingressou no curso de Direito, em Harvard, mas rapidamente percebeu que preferia dedicar-se à literatura. A sua primeira publicação foi uma crítica a uma atuação teatral — «Miss Maggie Mitchell in *Fanchon the Cricket*» — em 1863. No ano seguinte, publicou o seu primeiro conto, «A Tragedy of Error», anonimamente; até à publicação do seu primeiro romance, *Roderick Hudson*, quase uma década depois, em 1875, publicaria sobretudo contos e artigos breves. Em 1869, na sua *grand tour*, visitou Inglaterra, França e Itália — passaria o resto da vida a viajar entre estes países, fazendo raras visitas aos Estados Unidos. Foi justamente em Inglaterra que escreveu algumas das suas obras mais celebradas, como *Washington Square* e *Retrato de Uma Senhora*. Nos anos seguintes, deu ao prelo *A Volta no Parafuso*, *The Ambassadors* e *A Taça Dourada*, entre outros, que marcam uma viragem no seu estilo e abrem caminho para o género de romance que encontramos no século xx. Além de romances, publicou críticas literárias, livros de viagens, peças de teatro, autobiografias e contos. Naturalizado britânico em 1915, Henry James é considerado um dos mais importantes escritores de língua inglesa, uma figura charneira na transição entre o realismo e o modernismo, cuja obra explora os meandros do pensamento humano com extraordinária precisão. Morreu em Londres, em 1916.

NUNO QUINTAS nasceu no Montijo em 1980. Trabalha desde 2005 como operário do texto: tradutor, revisor, editor, consultor linguístico e editorial, além de formador nestas áreas. É membro da Caixa Alta — Oficina Editorial, coletivo que fundou em 2020 com Guilherme Pires e Madalena Caramona. Traduziu obras de, entre outros nomes, Brian Dillon, Colson Whitehead,

Douglas Stuart, Eliot Weinberger, Jonathan Crary e Judith Butler. Foi finalista do Prémio PEN Clube Português, na categoria Tradução, em 2024, com a tradução do romance *Sobre o Céu*, de Richard Powers. É mestre em Edição de Texto e licenciado em Línguas e Literaturas Modernas — Estudos Portugueses e Ingleses na Universidade Nova de Lisboa.

MARIA SEQUEIRA MENDES nasceu em Portalegre, em 1977. É professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 2005 e 2017 ensinou na Escola Superior de Teatro e Cinema, do Instituto Politécnico de Lisboa. Escreveu *The Ordeals of Interpretation* (IUC, 2020), *Adopção Tardia* (2021), *O Desensino da Arte* (com Marisa Falcón e Marta Cordeiro, Sistema Solar, 2022) e *O Essencial sobre Hamlet* (INCM, 2023).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Jogos Florais	vii
NOTA DO TRADUTOR	
A Última Palavra	xvii
Na Gaiola	1
CAPÍTULO I	3
CAPÍTULO II	7
CAPÍTULO III	11
CAPÍTULO IV	15
CAPÍTULO V	21
CAPÍTULO VI	25
CAPÍTULO VII	29
CAPÍTULO VIII	33
CAPÍTULO IX	37
CAPÍTULO X	41
CAPÍTULO XI	45
CAPÍTULO XII	51
CAPÍTULO XIII	55
CAPÍTULO XIV	59
CAPÍTULO XV	65

CAPÍTULO XVI	71
CAPÍTULO XVII	77
CAPÍTULO XVIII	83
CAPÍTULO XIX	87
CAPÍTULO XX	93
CAPÍTULO XXI	99
CAPÍTULO XXII	103
CAPÍTULO XXIII	109
CAPÍTULO XXIV	115
CAPÍTULO XXV	119
CAPÍTULO XXVI	125
CAPÍTULO XXVII	131
NOTAS DE TRADUÇÃO	137

INTRODUÇÃO

Jogos Florais

Since free to all delights, thy mind shall be
It's owne Commander, every day shall strive
To bring thee in fresh rarities. Time shall bee
Delighted with thy pleasures, and stay with thee.

JAMES SHIRLEY, *Bird in a Cage*, 1633

Ela nunca vira um *boudoir*, mas nos telegramas
havia muitos.

HENRY JAMES, *Na Gaiola*

Em *Na Gaiola*, as palavras escritas e os enfeites florais são luxos dispendiosos. Contada do ponto de vista de uma telegrafista confinada a um exíguo espaço de trabalho, esta é a história «de uma jovem que, em reclusão emoldurada e engaiolada, vivia a vida de uma cobaia ou de um pássaro» (p. 3), ocupada a contar as palavras alheias e a imaginar o que sucede no dia a dia daquelas que a visitam. Para a telegrafista, as múltiplas moedas gastas pela classe alta em felicitações, admirações e expressões como «mil abraços» e «“imensas” desculpas» ter-lhe-iam sido úteis para adquirir um novo par de botas. Já a sua amiga, a viúva Sra. Jordan, encontrou vocação na atividade de converter «o passado numa cama de violetas» (p. 25), ou seja, inventou a profissão de fazer

arranjos florais para as classes altas. O facto de uma história como esta parecer singular na obra de Henry James, por mencionar as preocupações financeiras dos que não vivem na riqueza — «sem um tostão de poupanças» e «com os remedeios todos consumidos» (p. 26) —, opondo-os à classe de Henry James, «que tudo enviava por telegrama, até os sentimentos dispendiosos» (p. 17), levou alguns críticos a considerarem esta novela um caso atípico no seu *corpus* literário. Alguns leram nela um exemplo da sensibilidade do autor para com a luta social das telegrafistas contra as suas longas horas de trabalho mal pagas, reportadas em jornais como *The London Times*, no qual se caracterizou com minúcia o processo de investigação de Lorde Tweedlemouth sobre as condições de trabalho destas mulheres¹. Outros viram nela o interesse de James pela modernidade do telégrafo e por uma nova forma de comunicação, que resultava do seu próprio isolamento depois de se ter mudado para o campo².

Na Gaiola é, a meu ver, um belíssimo exercício de jogos florais, em que, ao contrário da telegrafista, James faz uso de todos os substantivos e adjetivos ao seu dispor, em frases longas e bem pontuadas, que evocam a exuberância dos arranjos da Sra. Jordan. Nesta novela, James faz da insinuação uma arte, de modo a manter a curiosidade do leitor acesa perante a vilania do narrador e da própria telegrafista. Autor maior de romances como *Retrato de Uma Senhora* (1881) ou *The Ambassadors* (1903), e de contos como *O Desenho no Tapete* (1896) e *A Fera na Selva* (1903), James publica *Na Gaiola* em 1898, depois de um conjunto de tentativas malsucedidas no palco e numa altura em que o público parecia não reconhecer o seu talento. Muitos viriam, e com razão, a descrever *Na Gaiola* e a sua congénere *A Volta no Parafuso* (1898) como paradigmáticas de uma mudança no estilo deste prolífico autor, que, na terceira fase da sua obra, passa a oferecer ao leitor um ponto de vista parcial, e não total, sobre os acontecimentos narrados. Nestas obras, o leitor poderá ter acesso ao que algumas

das suas personagens veem, deixando de conhecer o que seria a totalidade da história e precisando de fazer uso da imaginação — se assim o desejar — para recriar as peças do *puzzle*. Todorov, por exemplo, apreciava esta novela de James, mas considerava-a paradigmática de como, tal como na *Demanda do Graal*, no final da história permanecemos incertos quanto à verdade, tendo apenas transitado da ignorância inicial para uma ignorância menor. Para o crítico, *Na Gaiola* parece, a princípio, tratar-se de uma história de detetives que nos dá a impressão de se desenrolar à volta de um mistério, mas que nos conduz a um final desprovido da tão aguardada resposta. Segundo Todorov, «a verdade é inacessível».³

O importante não é, contudo, que o leitor aceda à verdade, mas sim que aprecie a arte da ficção. Para o fazer, o narrador de *Na Gaiola* opõe subtilmente a atividade de quem arquiteta enredos à de quem se esmera a compor descrições. As menções negativas do narrador a «romance» são inúmeras, e a vocação da telegrafista para elaborar intrigas é atribuída à sua leitura de muitos e maus enredos à hora de almoço: «As diversões dos cativos são plenas de uma agudeza desesperada, e a história encantadora de *Picciola* tinha sido um dos romancinhos lidos pela nossa amiga» (p. 11). O facto de a jovem sucumbir à tentação de interpretar os telegramas enviados pelos seus clientes deve-se ao consumo de «romances, todos sebosos, em letra miudinha e só sobre gente boazinha, a meio péni por dia» (p. 7). Conta-nos a jovem que se rendeu «ultimamente a uma certa expansão da consciência», um «comércio autónomo [...] consigo própria» (p. 85), que lhe permite «passar a maior parte do tempo na vida imaginativa» (p. 8). Assim, enquanto a Sra. Jordan se ocupa, segundo a telegrafista, de meros «arranjos de flores e verdura» (p. 8), a nossa heroína dedica-se aos importantes «arranjos de homens e mulheres» (p. 8).

Ao observar os seus clientes preferidos, a telegrafista apercebe-se de que estes se encontram numa relação amorosa

tórrida, descrevendo a bonitona Lady Bradeen e o charmoso Capitão Everard como se fossem personagens de um romance de cordel. Também a jovem telegrafista tem um noivo, o Sr. Mudge, um próspero merceeiro, para quem «a exuberância da aristocracia era a vantagem do comércio» (p. 42), facto exemplificado numa máxima inesquecível: «Quantas mais paixonetas [...], mais queijo e pickles» (p. 43). Todavia, o pragmatismo do Sr. Mudge e a ausência de mistério do seu carácter tornam-no um candidato pouco apetecível aos olhos da jovem: «Ela pensava no Sr. Mudge e na segurança dele; pensava em si e corou mais ainda devido à sua tibia adesão a isso» (p. 51). Pelo contrário, a relação entre as personagens preferidas da telegrafista é material para o melhor enredo novelesco: «Corriam perigo, eles corriam perigo, o Capitão Everard e Lady Bradeen: superavam todos os romances nas bancas» (p. 51). A teoria da telegrafista sobre o seu Everard encontra-se parcialmente correta: «— O senhor quer tanta coisa na vida, tantos confortos e amparos e luxos: quer tudo o mais deslumbrante que for possível. Assim, desde que esteja nas mãos de uma pessoa concreta contribuir para isso... [...] — Então, essa pessoa concreta jamais pode falhar. De alguma maneira, temos de o conseguir por si» (p. 74). Não existem dúvidas de que a telegrafista foi responsável por ter dado a Everard os amparos e os luxos de que este parece precisar (embora talvez não da forma como ele os quisesse alcançar), mas é difícil saber ao certo se foi ela quem, ao corrigir o telegrama de Lady Bradeen, deu, inadvertidamente, o impulso para o desfecho da história. No final da novela, a telegrafista, com a ajuda da Sra. Jordan, apercebe-se de que os pormenores da sua teoria estavam errados, mas não a impressão geral que tinha sobre as duas personagens principais da sua imaginação.

É difícil não encontrar um paralelo entre as conjeturas parcialmente corretas da telegrafista sobre os seus clientes e o modo como o leitor é tentado a adivinhar com precisão o que terá

sucedido em certos momentos do enredo de James, ou seja, como sucumbe, como a telegrafista, à interpretação: «as pessoas que ela havia ganhado o hábito de recordar e associar a outras, e das quais tinha as suas teorias e interpretações, prosseguiram diante dela o seu longo rodopio e procissão» (p. 21). Fazer teorias e interpretações — como bem sabe o crítico que se identifica inevitavelmente com a telegrafista — é uma nobre forma de fuga ao aborrecimento de todos os dias. A diferença entre a nossa telegrafista e heroínas como Emily ou Catherine reside no facto de existirem bons indícios de que a jovem beneficia financeiramente das suas conjeturas. Apesar de a figura do narrador, à semelhança de Iago, em *Otelo*, ser um mestre na arte da insinuação, optando por expor os detalhes de forma indireta e recorrendo a alusões que não são plenamente desenvolvidas, parece certo afirmar que a jovem pensava chantagear Everard: «Ela estremecia muito pensando no que poderia fazer, com tanta reserva de material, uma má moça» (p. 48). A telegrafista diz-nos que sabe não ser má pessoa; se fosse, poderia «ir ao encontro dele em Park Chambers e fazer-lhe saber o seguinte: “Sei demasiado sobre determinada pessoa para não deixar à sua consideração — perdoe-me Vossa Senhoria por ser tão sórdida — que vale bem a pena subornar-me. Assim sendo, ande lá: suborne-me!”» (p. 48).

Resta ao leitor perguntar-se se a telegrafista chega a chantagear o Capitão, e que sucede exatamente durante o encontro entre ambos no parque, maravilhando-se com a inteligência com que o narrador descreve o episódio. No início da novela, a telegrafista ficava atónita com «a revelação do rio dourado que por ali corria sem ouro nenhum para ela própria» (p. 23); «ela ficava a indagar a natureza das delícias cujo acesso se cobria de tantas moedas» (p. 23). Mais tarde, no parque, os deleites associam-se a ouro. O narrador menciona como «o trabalho a que [a telegrafista] se dera só podia, nestes fugazes minutinhos (talvez nunca se repetissem), ali estar inteiro, qual porçãozinha de ouro no colo.

Ele poderia olhá-lo, tocar-lhe, agarrar nas pepitas» (p. 67). Quem está inteiro qual porção de ouro é o Capitão olhando, e quiçá tocando, nas pepitas da telegrafista. Segue-se o comentário da jovem: «Voltava a acometê-la o horror de parecer esperar recompensa» (p. 68). Enquanto isto, o narrador acrescenta: «Escurecera; os candeeiros dispersos rutilavam; todo o parque diante deles se enchia de vida obscura e ambígua; havia noutros bancos outros casais que era impossível não ver» (p. 68). Conforme os casais no parque trocam afeto por dinheiro, a telegrafista vai-nos dizendo que é uma moça séria. O narrador contrapõe: «Ela prendia-o, ele abismava-se com a força disso; estava absorto, em tremenda ponderação» (p. 72). A jovem, olhando para o Capitão, afirma: «— Faria qualquer coisa por si. Faria qualquer coisa por si» (p. 73). O narrador comenta: «pouco a pouco sentiu-o alçá-la, baixá-la, como se estivessem no sofá de seda de um *boudoir*» (p. 73). O Capitão poussa a sua mão na da telegrafista. O leitor lembra-se de como, no início da novela, o narrador comparou, com sentido de humor, a jovem ao telégrafo, afirmando que esta sentia «impulsos variados, umas vezes brandos, outras duros [...], e eram determinados pelas mais ínfimas circunstâncias» (p. 22) ou como sentia «súbitos arroubos de antipatia e simpatia, rubros clarões» (p. 7). O leitor pergunta-se se tais arroubos poderão ser interpretados como a relação sexual (verdadeira ou imaginada) da telegrafista com o Capitão.

Regressemos aos deleites e às moedas. A certa altura, no parque: «Ela, tendo ainda no colo a sua porção de ouro e com certo orgulho pelo modo como mantinha a cabeça firme, continuava sem se mexer: só lhe sorria» (p. 68). Não nos é dado saber com precisão de onde vem a porção de ouro e se este foi uma recompensa do Capitão para a nossa «jovem de alma ardente» (p. 53). A telegrafista menciona como «em certas alturas sentia-se sentada feita mendiga, de mão estendida a um esmoler que só se atrapalhava. Não tinha ficado com os soberanos, mas *ficaria* com

o péni. Ouvia ao balcão, imaginando, o tinir do cobre» (p. 104). A implicação sexual da passagem, que não passou despercebida ao tradutor desta obra, parece insinuar que as fantasias da telegrafista com Everard se concretizaram na aceitação de uma soma em troca dos seus serviços. Aliás, depois do encontro de ambos no parque, este começa a fazer-lhe um «pagamento redundante — moedas de soberano sem relação com os pagamentos residuais que ele eternamente fazia» (p. 101). A isto acresce o facto de a telegrafista mencionar que «decerto voltaria a aparecer tempo bastante para a aliviar, lhe dar algo que ela pudesse levar consigo» (p. 104). Por isso, quando a jovem garante ao Sr. Mudge: «tenho-os a todos no bolso» (p. 87), o leitor confirma as suas suspeitas sobre o que sucedeu, ficando a perguntar-se se este é o motivo pelo qual, no final da novela, a telegrafista tem um polícia a olhar para si.

Que o narrador da novela de Henry James se diverte com a história da telegrafista e connosco é visível no modo como aprecia deixar pistas de fácil compreensão, parecidas com as palavras que a jovem lê nos telegramas. Por exemplo, o merceeiro Sr. Mudge gostaria de levar a telegrafista consigo para um bairro que faz justiça ao *portemanteau* no seu nome (a união de «mud», lama, e «sludge», solo molhado), onde encontrou um larzinho adorável. Já o nome Bradeen, uma das clientes preferidas da jovem, é um apelido irlandês que significa «broad valley», o que pode ser lido como uma alusão aos encantos sexuais da «escandalosamente bonita», e até «apetitosamente» bonita (p. 121), Lady Bradeen. O nome do Capitão é desvendado na belíssima Nota do Tradutor (ver p. xix). Por sua vez, e infelizmente para o futuro da Sra. Jordan, o seu nome alude ao do rio que marca a fronteira entre a Jordânia e Israel, designando uma descida, ou algo que submerge («flown down»). Assim, e como sucede com a telegrafista, os leitores correm o risco de «com o passar das semanas viv[erem] mais e mais no mundo dos indícios e dos vislumbres, cuid[ando] que os seus vaticínios [são] mais expeditos

e [vão] mais longe» (p. 21). Existe quem encontre nesta novela um exemplo do pânico moral de Henry James a propósito de uma sexualidade ambígua, visível nas acusações da telegrafista ao Capitão: «A vossa extravagância, o vosso egoísmo, a vossa imoralidade, os vossos crimes — prosseguiu ela, sem atentar na expressão dele» (p. 79), bem como na menção repetida à palavra «queer» ao longo da novela. Desde o importante artigo de Eve Kosofsky Sedgwick sobre Henry James que é difícil não ler na sua obra aquilo a que esta chama o «modelo de pânico homossexual», visível em frases como «Isto não era nem mais nem menos do que a singular extensão da sua experiência, a vida dupla que ela, dentro da gaiola, acabaria por conduzir» (p. 21).⁴

Nestes jogos florais, *i.e.* nas belíssimas descrições do narrador, encontra-se uma ideia sobre literatura que se opõe à da telegrafista, e é patente, por exemplo, na caracterização do modo como a jovem faz uso da imaginação para alindar o mundo. A telegrafista está aprisionada do lado do balcão que «o destino traçara», «o recanto mais recôndito de um estabelecimento no inverno impregnado, e não pouco, de um perpétuo gás pestilento, e a toda a hora da presença de presuntos, queijos, peixe seco, sabão, verniz, parafina e outros sólidos e fluidos que ela acabaria por conhecer perfeitamente pelos cheiros sem querer conhecer pelos nomes» (p. 3). Todavia, graças à sua imaginação, a telegrafista: «Mesmo de dentro da gaiola, entrevira um dia áureo e encantador: no soalho areado estendia-se uma parcela de um esmaecido sol outonal e, mais acima, ainda fazia reluzir uma feira de garrafas rubras de xarope» (p. 93). Dona da sua mente, a telegrafista tem o poder de aprimorar o que a rodeia, fazendo igualmente conjecturas sobre o que desconhece. Na transformação de um recanto recôndito numa gaiola na qual se entrevê um dia áureo e encantador, encontramos os jogos florais do narrador, que oscilam entre a ruindade, a beleza e um tom jocoso, para descrever, em belíssimas frases longas, a vida da telegrafista.

O narrador opõe a imaginação da telegrafista, feita de cenas «melhor[es] do que a de muitos romancesinhos dos que lia à noite» (p. 48), ao «romance [cingido] ao peito, dado o volume de imaginação que o romance exigia e consumia» (p. 18). O leitor, que frequentemente assume ter o direito a uma explicação inequívoca, como aquela que se poderia esperar de um interlocutor íntimo, depara-se com uma realidade distinta: é-lhe oferecido apenas um vislumbre interpretativo dos acontecimentos, e não uma interpretação absoluta ou definitiva. Trata-se de uma história para aqueles que, como a telegrafista, têm imaginação e apreciam *boudoirs*. Deste ponto de vista, talvez exista solução para o nevoeiro com que a novela termina.

Maria Sequeira Mendes

NOTAS

¹ Andrew J. Moody, «“The Harmless Pleasure of Knowing”: Privacy in the Telegraph Office and Henry James’s “In the Cage”», *Henry James Review* 16.1 (1995): 53-65.

² Laura Otis, *Networking — Communicating with bodies and machines in the Nineteenth Century* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2001).

³ Tzvetan Todorov, *Genres in Discourse*, trad. Catherine Porter (Cambridge: Cambridge University Press, 1990), 34.

⁴ Eve Kosofsky Sedgwick, *Epistemology of the Closet* (Berkeley: University of California, 1990), 1.

NOTA DO TRADUTOR

A Última Palavra

A novela *Na Gaiola*, de Henry James, foi publicada em 1898 e revista pelo autor — como a quase totalidade da sua obra — para inclusão nas suas obras (quase) completas, conhecidas como a Edição de Nova Iorque (tomo XI, publicada em 1908 nos Estados Unidos e em 1909 no Reino Unido). A tradução parte da versão de 1908, a última revista pelo autor.

No mesmo ano de 1898, James editaria outra novela bem mais célebre, *The Turn of the Screw* (na tradução portuguesa, *A Volta no Parafuso*), e estes dois trabalhos como que abrem a terceira e última fase da sua obra. De facto, três anos antes James conhecera o fracasso absoluto na sua única incursão pela arte teatral, na peça *Guy Domville*: depois de sair apupado na estreia, o estilo jamesiano parece infletir — como que abandonando o realismo oitocentista e mergulhando cada vez mais na vida interior das personagens. As suas narrativas passam a olhar de dentro para fora, de dentro da personagem, verdadeiro «centro de consciência», para o mundo, num trabalho que antecipa o modernismo narrativo, por exemplo, de Virginia Woolf.

Esta mudança de estilo decorre ainda, porém, de outro facto pouco mencionado, mas crucial para entendermos esta última fase de escrita, a mais grandiosa e que nos deu as três joias romanescas da coroa de James: *The Wings of the Dove*, *The Ambassadors*

(ambos inéditos em Portugal) e *The Golden Bowl* (na tradução portuguesa, *A Taça Dourada*).

É nesta altura que James deixa de escrever à mão e passa a ditar a sua obra a um amanuense contratado. A conversão da escrita em ditado explica em grande medida a extensão quase demente, para os leitores de hoje, das suas frases a partir do fim dos anos 1890: uma sintaxe labiríntica que por vezes se estende pelas páginas, estabelecendo relações de coordenação e subordinação nem sempre evidentes e emaranhadas numa floresta de pronomes (*ele, ela, aquilo*) cujos referentes são obscuros ou ambíguos, e amiúde parecem mesmo ter-se perdido algures na frase.

Este estilo tortuoso tem os seus fãs — a poeta norte-americana modernista Marianne Moore observaria que tudo em Henry James «brilha, fulge, reluz, vibra, cintila, cicla, se eriça, reverbera» — e os seus detratores — H. G. Wells, ficcionista britânico, considerava James um «grandioso mas penoso hipopótamo absolutamente decidido a apanhar uma ervilha que se enfiou num canto da cova». (*Et pour cause*: foi James, afinal, quem, na manhã depois de sofrer um derrame cerebral, encontraram à cata da palavra *paralítico* no dicionário de sinónimos, história talvez apócrifa, mas comicamente ilustrativa.)

Na Gaiola é justamente um dos primeiros textos que resultaram desta nova forma de James escrever. Na tradução, há uma tendência a reordenar ideias, a clarificar sentidos, a «traduzir a tradução», sempre que o original pareça mais opaco, menos evidente para quem lê. De facto, procurei o oposto. É que, como nos contam vários dos seus amanuenses — em particular Theodora Bosanquet, a última secretária de James e a que mais anos trabalhou com ele —, James por vezes demorava-se, e não pouco, na busca da palavra exata. Assim, na leitura das suas obras desta última fase, não acompanhamos apenas o ritmo do texto ditado pelo autor: assistimos também à encenação — como se a página fosse o palco intelectual de James — de uma tomada

de consciência, e este despertar da consciência é, de facto, um dos grandes temas jamesianos.

Por conseguinte, ainda que toda a tradução seja necessariamente uma interpretação, não quis sacrificar as idiosincrasias de James no altar da legibilidade. Pretendi preservar essa dimensão aural da sua escrita, que se reflete, por exemplo, num gosto particular pela assonância e pela aliteração, bem como pelo anacoluto (recurso estilístico em que se abandona uma construção sintática a meio para prosseguir outra, parecendo deixar-se parte da frase pendurada). A pontuação em James é muitíssimo premeditada: os parênteses, e os travessões parentéticos, não servem necessariamente para organizar os constituintes da frase, mas para destacar, amiúde com ironia, uma ideia, e a virgulação, sendo sintática, corresponde também ao débito oral do ditado — e bem conhecemos as bulhas que James tinha com os tipógrafos por conta das vírgulas.

Certas alusões sexuais — não por acaso, o protagonista masculino chama-se Capitão Everard, e este sonoro «Ever Hard» remete-me para Caspar Goodwood, de *The Portrait of a Lady* (*Retrato de Uma Senhora*), dois meros exemplos do gozo de James a escolher os nomes próprios das personagens — não são passíveis de transferência para a língua portuguesa. Por isso, autorizei-me uma ou outra liberdade: por exemplo, optei pelo aportuguesamento *péni*, caído em desuso, mas encontrado em obras mais antigas do século xx, para *penny*, hoje evitado pela sua proximidade a outra palavra. É essa palavra que nos lembra? Sim, é mesmo — e ainda bem.

Sem defender uma fidelidade que seja simples preservação do original inglês, julgo que uma tradução que dome demasiado o texto acabaria por cortar a relação, aqui profundíssima, entre a palavra pensada, a palavra dita e a palavra escrita. Ainda assim, no fundo, nenhuma tradução é definitiva: é sempre um exercício, uma proposta, circunstancial, até para um mesmo tradutor.

Citando o próprio James, numa das suas cartas: «Não tenho *a última palavra* sobre seja o que for.»

Destino estas últimas palavras agradecendo a Eurídice Gomes e a Catarina Sabino, por terem acolhido de braços abertos a proposta de tradução desta novela, e a Rita Almeida Simões, pela revisão generosíssima.

Nuno Quintas

Na Gaiola

CAPÍTULO I

Cedo lhe ocorrera que na posição que ocupava — a de uma jovem que, em reclusão emoldurada e engaiolada, vivia a vida de uma cobaia ou de um pássaro — devia conhecer muitíssimas pessoas sem que nenhuma delas a reconhecesse. Este facto tornava bem mais intensa a emoção — embora invulgarmente rara e, ainda assim, sempre de ensejo bem contido — de ver entrar alguém que, como ela dizia, conhecia de fora, alguém que podia acrescentar alguma coisa à mediocridade da função. A função dela era ficar ali sentada com dois jovens — o telegrafista e o empregado de balcão — a: ocupar-se do recetor acústico do telégrafo, sempre a soar, distribuir selos e vales postais, pesar cartas, responder a perguntas parvas, fazer trocos que nem sempre tinha e, acima de tudo, contar palavras tão incontáveis quanto a areia do mar, as palavras dos telegramas enfiados, de manhã à noite, pela ranhura da grade, pelo balcão atravancado que o antebraço lhe doía de tanto roçar. Esta cerca transparente descobria ou cobria, dependendo do lado do apertado balcão que o destino traçara, o recanto mais recôndito de um estabelecimento no inverno impregnado, e não pouco, de um perpétuo gás pestilento, e a toda a hora da presença de presuntos, queijos, peixe seco, sabão, verniz, parafina e outros sólidos e fluidos que ela acabaria por conhecer perfeitamente pelos cheiros sem querer conhecer pelos nomes.

A barreira que dividia a pequena estação telégrafo-postal e a mercearia era uma débil estrutura de madeira e arame; mas

a separação profissional, a social era um fosso que a sorte, num lance espantoso, a poupava em absoluto de ter de superar publicamente. Quando os jovens empregados do Sr. Cocker vinham do outro balcão trocar uma nota de cinco libras — e a condição do Sr. Cocker, com a nata do Anuário da Corte¹ e os apartamentos faustosamente mobilados e arrendados à temporada, logo ao virar da esquina, era tão seleta, que o estabelecimento era bem frequentado pelo ruge-ruge diáfano destas insígnias —, ela estendia as moedas como se para si o requerente não passasse de uma das efémeras, quase indefinidas, aparições dessa grande procissão; talvez isso se devesse mais à ligação (só verdadeiramente reconhecida lá fora) a que ela se rendera com ridícula inconsequência. Não reconhecia tanto os outros por ter enfim tão incondicional e irremediavelmente reconhecido o Sr. Mudge. Não obstante, sentia certa vergonha de admitir que a passagem do Sr. Mudge a uma esfera superior — isto é, a uma posição mais preeminente, ainda que num bairro de estatuto muitíssimo inferior — se descreveria melhor como luxo em vez de mera simplificação, a correção de um embaraço, como ela gostava de o designar. Fosse como fosse, ele tinha deixado de se impor o dia inteiro aos olhos dela, dando-lhes assim ao domingo uma novidade sobre a qual repousar. Nos três meses da feliz permanência dele na mercearia após ela aceitar o noivado, muitas vezes se perguntara ela o que poderia o casamento acrescentar a uma familiaridade que parecia ter já rapado o prato todo. Do outro lado, atrás do balcão em que a estatura superior dele, o seu avental mais alvo, os seus caracóis mais patentes e os seus hh aspirados, por demais aspirados, eram havia poucos anos o grande adorno, ele andava para a frente e para trás à frente dela como se pelo chãozinho areado do futuro contraído de ambos. Ela dava-se conta do avanço que era não ter de ponderar em simultâneo o seu presente e o seu futuro. Já mal dava conta dos dois quando os ponderava em separado.

Teve de se demorar resolutamente, mesmo assim, na proposta que o Sr. Mudge lhe voltara a fazer por carta, a ideia de ela pedir transferência para uma estação muito semelhante — não esperaria encontrar já lugar noutra maior — debaixo do mesmo teto onde ele era encarregado, pelo que, suspenso diante dela a cada minuto do dia, ele a veria, como o próprio dizia, a «todas as horas» e numa zona, um bairro distante do Noroeste, onde só nos dois quartos ela, com a mãe, pouparia quase três xelins. Estaria longe de ser um encanto trocar Mayfair por Chalk Farm², e cansava-a muito ele andar sempre de roda dos mesmos assuntos; mas não a cansava como as coisas a *tinham* dantes cansado, as inquietações do grande suplício de outrora, o seu, o da mãe e o da irmã mais velha — havendo esta sucumbido a uma privação quase absoluta quando, enquanto senhoras responsáveis e incrédulas subitamente enlutadas, traídas, abaladas, haviam resvalado mais e mais pela encosta escarpada que, chegadas ao fundo, só ela vencera. A mãe não a vencera nem caindo nem chegando ao fundo: não fizera mais que rabujar e esbravejar durante a queda, sem o menor esforço no que toca a toucados, temas de conversa e «costumes» — o que queria dizer apenas que cheirava boa parte do tempo a uísque.

CAPÍTULO II

O serviço acalmava sempre quando o contingente dos apartamentos arrendados e de todos os outros importantes edifícios almoçava ou, como dizia a juventude em linguagem corrente, quando os animais comiam. Ela tinha antes disso quarenta minutos para ir a casa comer; e no regresso, quando um dos colegas saía para fazer o mesmo, havia com frequência meia hora em que conseguia fazer agulha ou ler — ler um livro do sítio onde alugava romances, todos sebosos, em letra miudinha e só sobre gente boazinha, a meio péni por dia. Esta pausa sagrada era uma das inúmeras maneiras por que o estabelecimento não deixava de sentir o pulsar da moda e cedia ao ritmo da grande vida. Certo dia era a importância particularmente aparatosa de uma cliente que entrava, uma senhora que parecia fazer refeições irregulares, mas que a jovem estava destinada, como iria descobrir, a não esquecer. A rapariga era *blasée*; nada, como ela muito bem sabia, era mais intrínseco à intensa notoriedade do seu ofício; mas tinha uma mente caprichosa e boa presença de espírito; dominavam-na, em suma, súbitos arroubos de antipatia e simpatia, rubros claros nas pardas, volúveis necessidades de cortesia e «cuidado», estranhos caprichos da curiosidade. Uma amiga sua inventara uma nova carreira para as mulheres — cuidar de flores ao domicílio. A Sra. Jordan tinha um modo próprio de fazer soar a alusão: nos seus lábios, as «flores» ficavam em lugares fantásticos, em lares felizes, eram tão comuns como o carvão ou os matutinos. Fosse

como fosse, delas se encarregava em todas as divisões, por certa soma mensal, e as pessoas depressa iam descobrindo o que era delegar esse estranho fardo das pessoas mimadas à viúva de um presbítero. No que lhe tocava, a viúva, estendendo as aberturas que se lhe tinham apresentado, fora ufana com a jovem amiga quanto à liberdade que lhe davam nas maiores famílias — quanto ao facto de, sobretudo na preparação de mesas de jantar, tantas vezes dispostas para vinte comensais, sentir que um único passo transformaria por completo a sua posição social. Perguntando-lhe então a jovem se ela só circulava numa espécie de solidão tropical, com a criadagem quais imaginosos indígenas, a viúva, tendo assim de conceder as suas limitações, encontrara resposta à pergunta injuriosa da rapariga. «Minha querida, és desprovida de imaginação!» — isto porque a uma porta mais do que entreaberta para a vida superior só se podia chamar uma divisória estreita. A imaginação da Sra. Jordan abdicava por completo dessa espessura.

A nossa jovem ignorara a acusação, tratara-a com bom humor, só por bem saber que pensar dela. Um dos seus mais prezados protestos e mais secretos alicerces era as pessoas não a entenderem, pelo que lhe era indiferente que a Sra. Jordan não a entendesse; ainda que esta, legado do primeiro ocase social das duas e também vítima de reveses, fosse o único membro do círculo da rapariga em quem a rapariga reconhecia uma sua igual. Tinha plena consciência de passar a maior parte do tempo na vida imaginativa; e se valesse mesmo a pena, estaria disposta a afirmar que, não a matando a ocupação externa, essa vida só podia ser realmente sólida. Diabos, arranjos de flores e verdura! *Ela* podia ocupar-se à vontade, sim, dizia de si para consigo, mas era de arranjos de homens e mulheres. A única fraqueza da sua aptidão advinha do contacto inegavelmente abundante que tinha com o rebanho humano: era tão constante, desbaratava-lhe de tal maneira o privilégio, que durante longos períodos

diminuíam sobremaneira a inspiração, a adivinhação e o interesse. O melhor mesmo eram os instantes, os rápidos reanimares, tudo absolutos acasos, nenhum pensado ou resistível. Por vezes bastava alguém dar uma moeda por um selo, e ei-la dominada. Era feita de modo tão incongruente, que eram estes os momentos que verdadeiramente compensavam — compensavam a rigidez prolongada de ali ficar no tronco, compensavam a hostilidade matreira do Sr. Buckton e a simpatia embaraçosa do empregado de balcão, compensavam a carta diária implacavelmente arrebiçada do Sr. Mudge, compensavam até a preocupação que mais a assombrava, a raiva que sentia em certos momentos de não saber se a mãe «entendia».

Ademais, rendera-se ultimamente a uma certa expansão da consciência: algo talvez vulgarmente justificado por, conforme a temporada rebentava e as vagas da boa sociedade irem lançando ao balcão uma espuma cada vez maior, haver mais impressões a colher e de facto — pois disso se tratava — haver mais vida a viver. Era pelo menos evidente, já maio ia avançado, que o tipo de clientela que recebia começava a parecer-lhe justificação — a justificar poder propor algo próximo de uma política de procrastinação. Parecera-lhe até então tola, obviamente, essa razão, dado o fascínio da estação ser, enfim, sobretudo uma espécie de suplício. Mas ela gostava desse seu suplício; dele teria saudades em Chalk Farm. Era, pois, habilidosa e circunspecta em preservar um pouco mais a vasteza de Londres entre si própria e esta austeridade. Se, em suma, não tinha propriamente coragem de dizer ao Sr. Mudge que a sua real possibilidade de recreio mental valia cada semana dos três xelins que ele queria ajudá-la a poupar, viu, contudo, acontecer ao longo do mês algo que, no mais fundo de si, pelo menos respondia a essa subtil interrogação. Isto associava-se justamente ao aparecimento da senhora memorável.

CAPÍTULO III

Ela passou-lhe três impressos escrevinhados de que a mão da rapariga depressa se apropriou, por o Sr. Buckton tantas vezes ter o instinto perverso de captar primeiro algum olhar que promettesse o entretenimento de que ela era particularmente afim. As diversões dos cativos são plenas de uma agudeza desesperada, e a história encantadora de *Picciola*³ tinha sido um dos romancesinhos lidos pela nossa amiga. Era, obviamente, lei do estabelecimento jamais repararem, como o Sr. Buckton dizia, em quem serviam; mas isto nunca evitava, e decerto da parte do mesmo senhor, o que ele tinha gosto em descrever como a mão oculta do jogo. Os dois colegas não faziam segredo das eleitas que ambos tinham entre as senhoras: afetuosas familiaridades, apesar das quais ela repetidamente apanhara cada um em erros e idiotices, trocas de identidade e lapsos de observância que a lembravam sempre de que a esperteza dos homens acaba onde começa a esperteza das mulheres. «Marguerite, Regent Street. Prova às seis. Pura renda Espanha. Pérolas. Corpo inteiro.» Este foi o primeiro: não estava assinado. «Lady Agnes Orme, Hyde Park Place. Impossível esta noite, jantar Haddon. Ópera amanhã, prometi Fritz, mas posso teatro quarta. Tento Haddon no Savoy, tudo o que queiras, se conseguires Gussy. Domingo Montenero. Recebo Mason segunda, terça. Marguerite péssima. Cissy.» Este foi o segundo. O terceiro, reparou a jovem ao recebê-lo, estava escrito num impresso estrangeiro: «Everard, Hôtel Brighton,

Paris. Quero só percebas e acredites. De 22 a 26, de certeza 8 e 9. Talvez mais. Vem. Mary.»

Mary era muito garbosa, a mulher mais garbosa que ela, sentiu-o logo, alguma vez tinha visto — ou talvez fosse apenas Cissy. Talvez fossem as duas, pois vira coisas mais estranhas que isso — senhoras a expedir telegramas com nomes diferentes a pessoas diferentes. Vira todo o género de coisas e juntava as peças de toda a sorte de mistérios. Uma senhora — não muito tempo antes — enviara, sem pestanejar, cinco telegramas com cinco assinaturas diferentes. Talvez representassem cinco amigas diferentes que lho tivessem pedido — todas mulheres, talvez como Mary e Cissy, ou uma das duas, andassem agora a delegar telegramas. Umhas vezes ela investia a mais — júizo a mais; outras investia a menos; e em qualquer dos casos tudo isto muitas vezes retornava mais tarde, pois ela tinha um modo extraordinário de guardar pistas. Quando reparava, reparava mesmo: a conclusão era essa. Havia dias e dias, às vezes semanas, de nada. Isto acontecia com frequência, dados os diabólicos e conseguidos subterfúgios do Sr. Buckton para ela ficar ao recetor acústico sempre que alguma coisa parecia poder acontecer: sendo o recetor, que também era responsabilidade dele, a mais funda cela do cárcere, uma gaiola dentro da gaiola, bastas vezes isolado de tudo o resto por um caixilho de vidro fosco. O empregado de balcão teria caído no jogo dela, mas reduzia-se de facto à imbecilidade resultante da paixão que sentia por ela. Ela ademais gabava-se, magnânima, de a incómoda evidência desta paixão jamais a deixar sentir-se em dívida para com ele. No máximo, o que ela faria seria impingir-lhe quando podia o registo de correspondência, tarefa que ela particularmente abominava. Depois dos longos períodos de torpor, em todo o caso surgia de súbito quase sempre o gosto intenso a alguma coisa; ela sentia-o na boca antes de o perceber; sentia-o agora.

Percebeu que a sua curiosidade se precipitava sobre Cissy, Mary, fosse qual fosse o nome dela, num fervor mudo que lhe

trazia a pairar, como maré que volta, a viva cor e esplendor da cabeça bonita, o lume dos olhos que pareciam tão absolutamente refletir outras coisas que não as maldosas mesmo diante delas; e acima de tudo, a superior deferência seca de uns modos que mesmo nos maus momentos eram um hábito magnífico e essencialmente do que não se enumera — a beleza, a estirpe, o pai e a mãe, os primos e todos os antepassados —, de que a sua detentora não se livraria ainda que quisesse. Como sabia a nossa obscura funcionária pública que, para a senhora dos telegramas, a circunstância era má? Como supôs toda a sorte de impossibilidades, tais como, quase ali mesmo, a aparição de um drama num ponto decisivo e a natureza da ligação com o cavalheiro do Hôtel Brighton? Mais do que nunca, pairava-lhe através das grades da gaiola ser esta enfim a realidade superior, a verdade eriçada que até àquele momento ela só remendara e supriria — uma das criaturas em que, em suma, se encontravam todas as condições de felicidade e que, nos ares que davam, floriavam numa insolência involuntária. A rapariga dava-se conta de que a insolência era moderada por algo que também fazia parte da vida distinta, o hábito de um flóreo curvar nos menos ditosos — a fragrância que se derrama, um simples resfolegar, mas que realmente se impregnava e perdurava. A aparição era bastante jovem, mas certamente casada, e a nossa estafada amiga tinha reservas de comparação mitológica que chegavam para reconhecer o donaire de Juno. Marguerite poderia ser «péssima», mas sabia vestir uma deusa.

Pérolas e renda de Espanha — a própria rapariga com nitidez as via, e o «corpo inteiro» também, e ainda laços de veludo vermelho, que, dispostos de modo particular na renda (poderia tê-los disposto num passe de mão), iriam obviamente adornar a frente de um brocado preto, semelhante ao vestido de uma gravura. Não fora, contudo, nem por Marguerite nem por Lady Agnes nem por Haddon nem por Fritz nem por Gussy que a portadora desta indumentária entrara. Ela entrara por Everard — e também

este, disso não havia dúvida, não seria o seu verdadeiro nome. Se a nossa jovem nunca dera tamanhos saltos, foi só por nunca se ter sentido tão impressionada. Então foi ao fundo. Mary e Cissy tinham ali ido juntas, naquela singular e soberba figura, para o ver — ele só podia viver logo ali, ao virar da esquina; elas haviam descoberto que, devido a algo que ali tinham ido justamente resolver ou para fazer mais uma cena, ele se tinha ido embora — partira de propósito para elas o sentirem; e tinham ido juntas à estação mais próxima, onde entregavam os três impressos em parte para não entregar apenas aquele. Os outros dois como que o cobriam, abafavam-no, desvalorizavam-no. Ela foi ao fundo, ah, pois foi, e esta era uma demonstração da assiduidade com que lá ia. Reconheceria sempre aquela mão. Tão graciosa, tão tudo o mais como a senhora. A mesma senhora, ao saber da fuga dele, empurrara a criada de Everard para entrar no quarto dele; escrevera aquela sua missiva na mesa dele e com a caneta dele. Tudo, cada pedacinho disto lhe chegara a ela no exalar que a senhora deixava atrás de si, nessa influência que, como disse, perdurava. E uma das certezas que a rapariga tinha era que, e felizmente, voltaria a vê-la.

«Quería-o de mais. Há um querer que ajuda
— ela, na sua fértil experiência, chegara
a semelhante generalização; e há outro querer
que é fatal. Este era o querer fatal:
teria de evitá-lo.»

Contada do ponto de vista de uma telegrafista confinada a um exíguo espaço de trabalho, esta é a história de uma jovem ocupada a contar as palavras alheias e a imaginar o que sucede no dia a dia daqueles que a visitam.

Em *Na Gaiola*, novela maior de Henry James e singular no conjunto da sua obra, as palavras escritas e os enfeites florais são luxos dispendiosos. Debruçando-se sobre as preocupações financeiras dos que não vivem na riqueza, e imprimindo uma intencionalidade implacável a cada elemento frásico, James faz da insinuação uma arte, de forma a manter a curiosidade do leitor acesa perante a vilania do narrador e da própria telegrafista.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Nuno Quintas
Introdução de Maria Sequeira Mendes



A Dead Wood Pigeon,
1867 (óleo sobre tela)
Ferdinand von Wright

© Ferdinand von Wright/
Suomen Kansallisgalleria

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-583-560-7



9 789895 835607